

# Invasores do Lago ficam em Brasilinha

Trinta e oito famílias expulsas da expansão da Vila Paranoá nas margens do Lago Norte já estão abrigadas no galpão da Fundação Maria do Barro, na Barrolândia, em Brasilinha, aguardando a distribuição de lotes cedidos pela Prefeitura da cidade. A responsável pela Fundação foi tomada de surpresa, na noite de anteontem, quando chegaram as famílias do Paranoá. Maria do Barro teve de improvisar instalações.

Os que não aceitaram ir para a Brasilinha, continuam no local da favela derubada. Cinco famílias voltaram a armar seus barracos, embora sob pressão de fiscais da Terracap e cavalariões da Polícia Militar, além de viatura da Polícia Civil. Outros preferiram voltar aos antigos barracos na Vila Paranoá, onde pagavam aluguel. Os que ficaram estavam, na manhã de ontem, sem assistência da Secretaria de Serviços Sociais.

A Fundação Maria do Barro estava concluindo o galpão destinado às famílias expulsas da 110 Norte, abrigadas atualmente no Centro de Desenvolvimento Social de Sobradinho. O abrigo seria provisório, enquanto se providencia a urbanização de lotes cedidos pela Prefeitura. Maria do Barro disse não saber ao certo o número de lotes, afirmando, contudo, ser superior a 150. O galpão já está totalmente coberto e com parte das laterais protegidas, faltando dividi-lo em compartimentos e construir banheiros do lado de fora.

Com a chegada das famílias do Paranoá, foi feita uma instalação às pressas, devido ao adiantado da hora. Ontem, começou o trabalho de construção de divisórias, arrumação dos pertences de cada um e construção de cinco banheiros para homens e outros cinco para mulheres. Os antigos moradores da Barrolândia — 150 famílias da antiga invasão da 110 Norte que aceitaram a transferência antes da operação que acabou com a favela — ajudaram no trabalho. Maria do Barro não teve contato com as novas famílias, a fim de que “cada uma conheça logo os problemas que terá de enfrentar e se adapte a nova vida, sem paternalismo”.

A Fundação Maria do Barro já iniciou a construção das ca-

sas dos 150 primeiros moradores, tem uma cisterna com 30 metros de profundidade em produção e contratou a escavação de um poço artesiano na própria área de Barrolândia, para que a comunidade não dependa do que vem sendo aberto na quadra 19.

Quarenta das casas a serem construídas já contam com alicerces, tendo sido adquiridos 580 metros cúbicos de toras de eucalipto para servir em de estelo e armação dos telhados.

Maria do Barro diz que destinará os primeiros lotes recebidos, ontem, da Prefeitura, a famílias da 110 Norte que estavam abrigadas na Igreja de Nossa Senhora das Graças e depois foram para a Barrolândia. As famílias nesta situação são em número de 14 e quatro delas receberão seus lotes assim que houver demarcação e cascalhamento das ruas a serem abertas.

Jocelina de Almeida, de 45 anos, mãe de cinco filhos, foi uma das primeiras pessoas expulsas do Paranoá a receber abrigo na Barrolândia. Em virtude da pressa com que foi feita a remoção, deixou os filhos em casas de parentes e amigos no Paranoá e Valparaíso. A noite, quando teve definida sua situação, estava com um deles.

A mesma situação ocorreu com Francisca das Chagas da Silva, mãe de 9 crianças. Levou cinco consigo e, no domingo, seu marido José Cândido trará o restante. Benigna Duarte Rufino, mãe de três, e Maria de Fátima Nascimento Costa, com quatro filhos, conseguiram levar todos, assim como Luciene Maria Gouveia, mãe de um menino.

Na manhã de ontem, os favelados ocuparam-se na construção de divisórias para cada família e arrumação dos pertences. Como não houve tempo para preparar o almoço, a Fundação Maria do Barro providenciou panelões de comida pronta. O jantar já foi preparado por cada família, servindo-se da cesta básica.

Além de concluir o galpão, que uma vez desocupado pelas famílias servirá de oficina comunitária, Maria do Barro pretende instalar um catavento para puxar a água da cisterna construída, e que será dotada de filtro de carvão.